



Resenha de sistema do idealismo transcendental de Schelling¹

Schelling, F. W. J. (2024). *Sistema do idealismo transcendental* (Tradução, introdução e notas de Gabriel Almeida Assumpção). Petrópolis, RJ: Vozes.

Marco Aurélio Werle

Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, Cidade Universitária, 05508-010, São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: mawerle@usp.br

Received on September 5, 2024.

Accepted on November 8, 2024.

No *Sistema do idealismo transcendental*, de 1800, se mostra pela primeira vez o que se poderia chamar de uma posição filosófica própria e diferenciada de Schelling, quando ele se distingue mais fortemente de sua grande inspiração filosófica até então, que foi Fichte. Trata-se do começo do sistema da identidade ou, como se convencionou chamar, a passagem do ‘idealismo subjetivo’ para o ‘idealismo objetivo’. No entanto, nas cartas que trocou com Fichte na época, logo após a publicação, Schelling não considerava ainda que sua obra fosse algo distinto da doutrina da ciência. No prefácio da obra, ele afirma que “[...] em relação às primeiras investigações nela contidas, nada pode surgir que já não esteja, ou nos escritos do inventor da doutrina da ciência, ou naqueles nos quais o autor já se pronunciou há tempos” (Schelling, 2024, p. 28-29). Mas, em carta a Fichte de 19 de novembro de 1800 ele deixa clara uma diferença de abordagem, ao dizer que

[...] a doutrina da ciência (a pura, tal como foi instituída pelo senhor), não é ainda a filosofia ela mesma: para ela vale o que o senhor diz, caso eu o compreenda, isto é, que ela procede inteiramente de modo lógico e não tem nada a ver com a realidade. Ela é, tal como vejo, a prova formal do idealismo, por isso mesmo a ciência *kat ekothen*. Mas o que eu, no entanto, quero tomar como sendo filosofia, é a prova *material* do idealismo (Jaeschke & Arndt, 2021, p. 319-320).

Fichte esboçou logo a seguir uma carta expondo a situação difícil em tom paternal, dizendo que Schelling “[...] obviamente não tinha razão” (Jaeschke & Arndt, 2021, p. 320), mas acabou desistindo e só no fim de novembro enviou uma carta, já num tom mais desarmado.

Pergunta-se, então, qual seria precisamente esta ‘prova material’, a diferença e a marca característica do *Sistema do idealismo transcendental*? De início, vale notar que a proposta da obra é *expandir* o idealismo transcendental como história da consciência de si, no horizonte da oposição entre natureza e inteligência. Não se trata de elaborá-lo de modo inteiramente novo, uma vez que isso já foi feito por Kant, Reinhold e Fichte. “O propósito da seguinte obra é precisamente o seguinte: expandir o idealismo transcendental ao que ele deve realmente ser, ou seja, um sistema de todo o saber” (Schelling, 2024, p. 28). Os dois pilares do idealismo, a filosofia da natureza e a filosofia transcendental, não são, porém, ciências opostas, mas partes opostas de um e mesmo todo, isto é, da filosofia vista como um sistema. As oposições se mostram como sucessões de níveis de intuições, “[...] por meio da qual o eu se eleva à consciência na potência mais elevada” (Schelling, 2024, p. 30). Os dois saberes caminham em direções opostas: a filosofia da natureza faz do objetivo o que é primeiro e pergunta como se acrescenta o subjetivo, ao passo que, inversamente, a filosofia transcendental faz do subjetivo o que é primeiro e pergunta como o objetivo se acrescenta. O todo do sistema “[...] é completo por meio de duas ciências fundamentais que, opostas uma à outra em princípio e em direção, buscam-se e complementam-se reciprocamente” (Schelling, 2024, p. 36).

Destaco três aspectos desta proposta filosófica:

1) a noção de *expansão* do idealismo, que, diga-se de passagem, Schelling também expressa em *Conversa sobre a poesia* de Friedrich Schlegel, do mesmo ano de 1800, ao ressoar uma ideia que já havia sido indicada no *Mais antigo programa de sistema do idealismo alemão*, de 1796/97, de que ‘precisamos de uma nova

¹ Esta resenha já havia sido concluída quando tomamos conhecimento da mais recente publicação de uma tradução de A Alma do Mundo, lançada pela EDUSP, feita por Márcia Cristina Ferreira Gonçalves

mitologia'. O personagem Ludoviko (Schelling mesmo) apresenta nesta obra um "Discurso sobre a mitologia", em que afirma sobre o idealismo, que ele surgiu

[...] como que do nada, e agora também no mundo do espírito está constituído um ponto firme, de onde a força do homem pode se propagar, com desenvolvimento crescente, em todas as direções, segura de si mesma e de não perder jamais o caminho de volta (Schlegel, 2016, p. 515).

A seguir considera que no seio do idealismo precisa se erguer um novo e ilimitado realismo. 2) a noção de *história da consciência de si*, que se coloca neste campo de expansão ou propagação como um desejo de concretude e efetividade, como uma filosofia da história capaz de conciliar liberdade e necessidade. Somente a história poderá evidenciar o progresso da consciência de si como um processo gradual de uma sucessão. 3) a *oposição* entre natureza e inteligência, a qual, no entanto, se resolve num todo, é uma oposição no interior de uma totalidade.

Estes dois últimos aspectos, o da história da consciência de si e o da oposição entre o objetivo e o subjetivo lembram muito o projeto que Hegel realizará alguns anos depois na *Fenomenologia do espírito*, enquanto uma exposição do saber que aparece para a consciência, a qual é marcada em seus momentos por uma dialética interna (em si e para si, que são um para o outro) e que se insere num processo de formação. Voltando a Schelling, podemos também situar sua *Filosofia da arte* de 1804 nesta linha de pensamento que cada vez mais avança no terreno da história. Por exemplo, a mitologia é pensada nesta obra como mitologia da natureza (mitologia grega antiga) e mitologia histórica (mitologia cristã moderna), sendo a primeira marcada pelo espaço e plasticidade (simbólica) e a segunda pelo tempo, musical e lírica (alegórica). Aquela procura acomodar o infinito no finito e esta, o finito no infinito.

Até o surgimento do *Sistema do idealismo transcendental*, Schelling se ocupava principalmente com a filosofia da natureza, que era tida como uma espécie de complemento à doutrina da ciência de Fichte, muito embora já estivessem na base dela concepções filosóficas originais, desde o escrito *Sobre o eu e o incondicionado na filosofia*, de 1795. O fato de ainda se compreender no âmbito do projeto filosófico de Fichte, como sua continuação, não significou que a filosofia da natureza não fosse algo específico de Schelling. Como diz Nicolai Hartmann, "[...] a filosofia da natureza era, filosoficamente, terra virgem na qual Schelling teve de rasgar sulco após sulco" (1983, p. 143).

Se tratava neste momento, sob a inspiração de Espinosa, de uma nova concepção da intuição intelectual, como algo que implica uma instância que se encontra acima do eu e que não pode ser inteiramente abarcada pelo eu. Kant negava a possibilidade de uma intuição intelectual, pois toda intuição sempre é sensível. Mas, para Schelling, a intuição intelectual é uma faculdade de poder ver, de ter presente a unidade do universal e do particular, do infinito e do finito, da identidade e da diferença, ou seja, o absoluto mesmo. Na oitava das *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e criticismo*, de 1795, a intuição intelectual é tida como

[...] a experiência mais íntima, mais própria, e unicamente dela depende tudo aquilo que sabemos e cremos de um mundo supra-sensível. Essa intuição, em primeiro lugar, nos convence de que algo é, em sentido próprio, enquanto todo o restante, ao qual transferimos esta palavra, apenas *aparece*. Ela se distingue de toda intuição sensível por ser produzida somente por liberdade, sendo alheia e desconhecida para qualquer outro, cuja liberdade, vencida pela potência impositiva do objeto mal basta para a produção da consciência (Schelling, 1980, p. 198).

Desde esta época, entre 1795 e 1797, Schelling já vinha fazendo uma reflexão profunda sobre como se poderia colocar um princípio que unificasse todo o saber humano, algo que estava ausente em Kant e que começava a se colocar de modo mais forte como exigência da razão, com o eu de Fichte, só que ainda no plano da pura subjetividade ou do pensar puro, em sentido prático. Na carta a Hegel de 4 de fevereiro de 1795, ao dizer para este não se assustar pelo fato de que ele, Schelling, se converteu em espinosista, a questão é formulada claramente:

[...] para Espinosa o mundo (o objeto simplesmente em oposição frente ao sujeito), era *tudo*, para mim é o *eu*. A diferença mais própria entre a filosofia crítica e a dogmática me parece que reside no fato de que aquela toma o eu absoluto (ainda não condicionado por objeto algum) como ponto de partida, e esta, ao objeto absoluto ou não-eu. A última, em sua máxima consequência, conduz ao sistema de Espinoza, a primeira ao sistema kantiano. A filosofia tem que partir do *incondicionado*. Mas, então surge a pergunta: onde está este incondicionado: no eu ou no não-eu? Uma vez resolvida esta pergunta, *tudo* está resolvido (Kant, Fichte, Hegel, & Schelling, 2011, p. 307)².

O centro do *Sistema do idealismo transcendental* talvez possamos localizar no empreendimento indicado na terceira e quarta seções principais, de constituir uma história da consciência de si, como filosofia teórica e

² Cf. (Hegel, Hölderlin, & Schelling, 2008).

prática. “A filosofia é, portanto, uma história da consciência de si, que possui diferentes épocas, e por meio das quais, sucessivamente, uma síntese é composta” (Schelling, 2024, p. 91). São três épocas principais desta história: a primeira começa com o eu se sentindo de modo originário e se elevando à inteligência, a segunda época implicando o alcance da reflexão, a partir da intuição produtiva, e a terceira chegando ao ato absoluto da vontade, a partir de onde se ergue o sistema da filosofia prática.

Entretanto, um ponto que sempre chama a atenção nesta obra é a sexta seção principal, o desenlace ou desfecho que trata da posição da arte como *órganon* da filosofia:

Se a intuição estética é apenas a transcendental tornada objetiva, então compreende-se por si mesmo que a arte é o único verdadeiro e eterno *órganon* e, ao mesmo tempo, escritura da filosofia, que sempre e progressivamente autentica o que a filosofia não pode apresentar externamente, vale dizer, o inconsciente no agir e produzir, e sua identidade originária com o consciente. A arte é, precisamente por isso, o mais elevado para a filosofia, uma vez que esta abre àquela como que o dia de Todos os Santos onde, em eterna e mais originária unificação, por assim dizer, queima em Uma Chama o que é secretado na natureza e na história e que, na vida e no agir, da mesma forma como no pensamento, deve fluir eternamente em si (Schelling, 2024, p. 309).

Por meio da atividade artística, compreendida como atividade genial produtiva e criadora, fica estabelecida uma unificação entre a natureza e a inteligência, ao coincidirem o espírito criador inconsciente da natureza e a força produtora do sujeito, para além do saber e do querer.

Este desfecho indica também que o sistema do idealismo transcendental necessariamente requer ainda uma obra complementar, que será a *Filosofia da arte*, de 1804. Com esta conclusão, que ao mesmo tempo aponta para um novo começo, vemos mais uma vez como a filosofia de Schelling se apresenta enquanto uma filosofia múltipla, ‘em devir’ (Tilliet, 1970), por assim dizer, em constante inacabamento e progressão. Por isso, os intérpretes consideram que não há uma única filosofia de Schelling, e sim várias, pelo menos cinco, se acompanharmos sua longa e profícua carreira filosófica.

A origem desta constante mudança talvez esteja no fato de Schelling ter sido sempre ‘tanto romântico quanto idealista’ e lidar principalmente com um princípio quase poético, que é a infinitude da ‘natureza’, e ao mesmo tempo também mergulhar nos processos racionais do saber humano. O período que se estende entre 1795 e 1803 foi justamente a época de quase confluência entre romantismo e idealismo alemão, sendo que depois disso os caminhos se separaram: surge a *Fenomenologia do espírito* de Hegel e os próprios românticos acabam se dispersando, deixando Jena, que era justamente o centro desta confluência, potencializada inclusive com a presença ativa de Goethe e Schiller.

A rigor, Schelling sempre foi um filósofo da natureza: é o que o aproxima do círculo romântico de Jena, os irmãos Schlegel, Novalis, Tieck, Caroline e Dorotéia, tendo em vista que a natureza é a grande criadora universal e a poesia lida com a linguagem como um elemento transposto da natureza. August Schlegel indica isso muito bem em sua *Doutrina da arte*, obra na qual o *Sistema do idealismo transcendental* comparece como forte inspiração. Diz August:

Segundo Schelling, a beleza é o infinito exposto finitamente, em cuja definição, tal como deve ser, já está compreendido o sublime. Eu estou inteiramente de acordo com isso, apenas gostaria de determinar a expressão do seguinte modo: o belo é uma exposição simbólica do infinito; porque fica claro como o infinito pode aparecer no finito. Não se toma o infinito como uma ficção filosófica, ele não é procurado além do mundo; ele nos envolve por todos os lados, não podemos nunca escapar dele; nós vivemos, operamos e somos no infinito (Schlegel, 2014, p. 92).

A *Doutrina da arte* de August Schlegel é concebida no mesmo momento em que Schelling elabora sua *Filosofia da arte* como extensão do *Sistema do idealismo transcendental*. O conceito de símbolo será importante para ambos, muito embora seja compreendido por Schlegel essencialmente como linguagem, ao passo que para Schelling é abordado filosoficamente como modo de exposição que se distingue de outros dois modos de exposição: esquematismo e alegoria. Estes conceitos foram teorizados na época também por Kant e Goethe.

A natureza, entendida por sua vez como física especulativa ou filosofia da natureza, permite a Schelling também uma entrada produtiva no seio dos problemas propriamente racionais, quase científicos, relativos ao conhecimento da natureza. Mas, de novo se trata aqui de uma ampliação da teoria do conhecimento, a partir do conceito de organismo, para além de uma visão apenas científica da natureza como objeto da experiência. É neste terreno transcendente da relação entre o sujeito e o objeto que se move o idealismo. Para ele, o mundo da subjetividade precisa se encontrar com a objetividade, mesmo que isso implique lidar com algo inapreensível e infinito, que se encontra para além da consciência humana, tal como a natureza ou a religião, pensada essencialmente como mitologia.

Por fim, cabe dizer que a tradução no Brasil desta obra clássica da filosofia, o *Sistema do idealismo transcendental*, implica um ponto culminante da presença de Schelling entre nós e nos leva a repensar o todo da obra do filósofo, sua trajetória e recepção no Brasil. Salvo engano, o primeiro grande especialista e tradutor de Schelling entre nós foi Rubens Rodrigues Torres Filho que, num gesto pioneiro e inaugurador, traduziu importantes textos de Schelling para a coleção *Os pensadores*, nos anos 1970 (Schelling, 1980). Em 1991 foi traduzida *A essência da liberdade humana: investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas* por Márcia Sá Cavalcante Schuback (Schelling, 1991). A partir de 2000 temos a tradução da *Filosofia da arte*, por Márcio Suzuki (Schelling, 2001), depois os *Aforismos sobre a filosofia da natureza*, por Márcia C. F. Gonçalves (Schelling, 2010), *Sobre a relação das artes plásticas com a natureza*, por Fernando Barros (Schelling, 2011), e *Clara*, por Muriel Maia-Flickinger (Schelling, 2015).

Já nos últimos anos surgiram três traduções pela Editora Clandestina: *Sobre a relação do real e do ideal na natureza*, por Rafael Zambonelli Nogueira (Schelling, 2021a) e *Exposição do meu sistema da filosofia* (Schelling, 2020a) e *Preleções privadas de Stuttgart* (Schelling, 2020b), por Luis Felipe Garcia. Caio Heleno da Costa Pereira traduziu dois textos do período da primeira filosofia de Schelling (2021b), complementando a visão deste período que tínhamos com a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. E saiu há pouco uma tradução feita Da Alma do Mundo, por Márcia C. F. Gonçalves.

O atual empreendimento de tradução, levado a cabo por Gabriel Assumpção, segue esta tradição e a consolida com um texto fluido e bem estruturado, acompanhado com uma introdução e aparato crítico cirúrgico e útil. As opções de tradução também são referidas e explicadas em notas, o que ajuda o leitor a se orientar no âmbito dos conceitos. O tradutor é especialista em Schelling, sobre quem fez uma tese de doutorado, publicada em livro (Assumpção, 2022) e também traduziu *Dedução geral do processo dinâmico* (Schelling, 2018), de sorte que estamos diante de uma tradução técnica especializada. Neste sentido, a tradução é tanto rigorosa quanto agradável de se ler em português.

Em suma, pode-se dizer que com esta tradução e as anteriores mencionadas, junto com algumas traduções feitas em Portugal (Schelling, 1993; Schelling, 2001; Schelling, 2020; Hegel, Hölderlin, & Schelling, 2020), o público brasileiro tem à sua disposição agora quase toda a filosofia de Schelling. Faltam somente os textos da maturidade, por exemplo, a filosofia da revelação e a filosofia da mitologia que, segundo tenho notícia, estão sendo encaminhadas.

Referências

- Assumpção, G. A. (2022). *Criação das artes plásticas e produtividade da natureza em Friedrich Schelling*. São Paulo, SP: Loyola.
- Hartmann, N. (1983). *A filosofia do idealismo alemão* (J. G. Belo, Trad.). Lisboa, PT: Calouste Gulbenkian.
- Hegel, G. W. F., Hölderlin, F., & Schelling, F. W. J. (2020). Correspondência (1794-1796) (F. M. F. Silva, Trad.). *Com-textos Kantianos*, 11, 423-456.
- Hegel, G. W. F., Hölderlin, F., & Schelling, F. W. J. (2008). Correspondência nos anos de 1794 e 1795 (S. Portella, Trad.). *Controvérsia*, 4(2), 54-61.
- Jaeschke, W., & Arndt, A. (2021). *Die klassische deutsche Philosophie nach Kant: Systeme der reinen Vernunft und ihre Kritik 1785-1845*. Munique AFI: C. H. Beck.
- Kant, I., Fichte, J. G., Hegel, G. W. F., & Schelling, F. W. J. (2011). *Correspondencia* (H. U. Disselkoen, R. Gutiérrez, Trad.). Bogotá, CO: Centro Editorial/Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia.
- Schelling, F. W. J. (1980). *Obras escolhidas* (Coleção Os pensadores, R. R. Torres Filho, Trad.). São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Schelling, F. W. J. (1991). *A essência da liberdade humana: investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas* (M. S. C. Schuback, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schelling, F. W. J. (1993). *Investigações filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana - e os assuntos com ela relacionados*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Schelling, F. W. J. (2001a). *Filosofia da Arte* (M. Suzuki, Trad.). São Paulo, SP: EDUSP.
- Schelling, F. W. J. (2001b). *Ideias para uma filosofia da natureza* (Prefácio, introdução e aditamento à introdução de Carlos Alberto Morujão). Lisboa, PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- Schelling, F. W. J. (2010). *Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza* (M. C. F. Gonçalves, Trad.). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Loyola.
- Schelling, F. W. J. (2011). *Sobre a relação das artes plásticas com a natureza* (F. R. M. Barros, Trad.). Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Schelling, F. W. J. (2015). *Clara ou sobre a conexão da natureza com o mundo dos espíritos* (M. Maia-Flickinger, Trad.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Schelling, F. W. J. (2018). *Dedução geral do processo dinâmico* (G. A. Assumpção, Trad.). São Paulo, SP: LiberArs.
- Schelling, F. W. J. (2020a). *Exposição do meu sistema da filosofia* (L. F. Garcia, Trad.). São Paulo, SP: Editora Clandestina.
- Schelling, F. W. J. (2020b). *Preleções privadas de Stuttgart* (L. F. Garcia, Trad.). São Paulo, SP: Editora Clandestina.
- Schelling, F. W. J. (2021a). *Sobre a relação do real e do ideal na natureza* (R. Z. Nogueira, Trad.). São Paulo, SP: Editora Clandestina.
- Schelling, F. W. J. (2021b). *Sobre a forma da filosofia e sobre o eu* (C. H. C. Pereira, Trad.). São Paulo, SP: Iluminuras.
- Schelling, F. W. J. (2024). *Sistema do idealismo transcendental* (G. A. Assumpção, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schelling, F. W. J. (2024). *Da alma do mundo* (M. C. F. Gonçalves, Trad.). São Paulo, SP: Edusp.
- Schlegel, A. W. (2014). *Doutrina da arte* (M. A. Werle, Trad.). São Paulo, SP: Edusp.
- Schlegel, F. (2016). *Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803) e conversa sobre poesia* (C. L. Medeiros e M. Suzuki, Trad.). São Paulo, SP: Unesp.
- Tilliet, X. (1970). *Schelling: une philosophie en devenir*. Paris, FR: J. Vrin.